

15 Setembro 1934
n.º 34 341

o Trabalhador

Congresso mundial da J. O. C.

O que foi o majestoso Congresso

mundial da J. O. C. É apenas um passo, C. mundial está pres-

rá o mundo com as suas vitórias. todos os países, vós ste primeiro encontro obrigado! Obrigado pela vossa coragem e vontade. Os sacrificis de fazer pelo triunfo penhor seguro das tas de amanhã!

oje que não há no uma Juventude Ope- tude não conhece o iolência, nem o egois- teja.

apenas a move: o ssado de todos os jo- res e de todas as al- a que classe pertem-

continua na 4.ª coluna

ro falado

tu o côro falado do Con- as? É impossível explicar usou na massa dos 100.000. de alegria, de esperan- d espectáculo, porque participava na acção dos m ele vibrava no mesmo

aqui uma das passagens s acclamações — a que glo- o Jocismo:

dos Jocistas
trabalho e a vida?
dos revoltados

os
ellos
dos

avos
meiro Jocista
nem párias, nem escravos
ária Cristã
de
deu com alegria
as noites sem estréias,
para
do sol

dos Jocistas
dos Revoltados
das, somos escravos
dos Jocistas
sobre e altiva Juventude

dos revoltados
operários, como nós.
meiro Jocista
malhes o nome de Aquele
do operário

A Multidão
meiro Jocista
trabalho!

dos Jocistas
trabalho,
uma honra.
trabalho
uma nobreza.
trabalho

dos Jocistas
que penais debaixo da
das Jocistas
penais com martelos pe-

continua na 4.ª coluna

É impossível descrever o que foi aquilo!
É preciso ter visto aquela multidão enorme de jovens operários e operárias a marchar garbosamente, bandeira à frente, por toda a cidade capital da Bélgica; era preciso ter ouvido as aclamações frenéticas, o entusiasmo delirante, a ordem perfeita, a unidade completa daqueles regimentos de rapazes e de raparigas, para se ficar fazendo uma pá-lida idea do que foi o Congresso.

Uma cidade enorme completamente invadida por uma exército pacífico de mocidade, da mocidade do trabalho!

O seu único armamento eram as suas 2.000 bandeiras tremulando ao vento, como que a participar elas também do ardor entusiástico daquelas 100.000 almas cheias de nobreza e de dignidade.

Nem um só grito de ódio!... Nem um só movimento provocador ou arrogante!
Indiscritível espectáculo, único na história do mundo.

No Parque Real de Laeken, todas as avenidas que conduzem à praça Leopoldo despejam, de minuto em minuto, novas delegações nacionais e estrangeiras. Estas, ao entrar na esplanada, são aclamadas com delírio.

Delegação da Suíça, do Canadá, da França, da Espanha da Holanda, de Portugal, e tantas outras.

É a formação geral para a assistência à Missa.
Como exprimir as emoções produzidas por esta inesquecível celebração do Santo Sacrifício?

A esplanada, que mede 13.000 metros quadrados, está literalmente cheia pela multidão dos jocistas. Todos os olhares se voltam para a cruz imensa que se eleva, lá ao fundo, sobre o altar. Dam lado e doutro as 2.000 bandeiras drapejam faiscas de luz aos raios brilhantes do sol.

O espectáculo é feérico!
Mas não é ele, este espectáculo nunca visto, que prende a atenção dos jocistas. De pé, cabeça descoberta, livro da Missa nas mãos, eles seguem de toda a sua alma, a Missa Pontifical, oferecendo a sua vida inteira de jovens trabalhadores, em união com Cristo, pela salvação da classe operária.

Em verdade, foi durante esta Missa na esplanada Leopoldo que os 100.000 Jocistas sentiram palpitar verdadeiramente neies, com toda a sua intensidade, a alma da J. O. C.
Quando o Cónego Cardyn leu a Carta de S. Santidade Pio XI dirigida aos Jocistas, como testemunho da sua muita afeição pela J. O. C., a emoção foi profunda! Os jocistas sentiram então melhor a beleza e a grandeza da sua actividade comum e todos juraram, no íntimo dos seus corações, dar-se sem limite para reconquistar para Cristo toda a juventude operária do mundo.

Mas para coroar este dia magnífico, era necessária a apoteose duma grande manifestação.

E foi uma assembleia triunfal, uma festa sem precedentes da Juventude Operária, uma demonstração entusiástica da força invencível do ideal de fraternidade jocista.

Durante duas horas consecutivas um desfile grandioso trouxe os 100.000 jocistas da esplanada Leopoldo ao Stadio de Heysel. A sua passagem, a multidão aplaudia, aclamava, saudava!

Num momento, aquele Stadio erigido à glória do Desporto, foi invadido por uma multidão disciplinada.

Por toda a parte, hinos e bandeiras. O Estádio está à cunha, a não poder mais. O mar dos 100.000 jocistas enche completamente o lugar que lhes fôra destinado. As bandeiras, no cimo.

Visão magnífica! Visão surpreendente!
Quando o Cónego Cardyn aparece para ocupar o seu lugar na tribuna de honra, uma formidável aclamação o saúda.

Vem depois o desfile das 2.000 bandeiras, aclamadas freneticamente.
E eis que começa o «Coro falado», executado admiravelmente por 1560 jocistas. Os seus cânticos de conquista martelam o ar. Os directores do «Coro», vestidos de branco, dirigem magistralmente a multidão, enquanto os coristas desempenham o seu papel duma maneira perfectíssima.

O «Coro» celebra o entusiasmo duma Juventude operária arrastada, há dez anos, num irresistível movimento de conquista cristã. A multidão aclama as vitórias da J. O. C.
— Há dez anos, Jcistas, quantos éreis vós? pergunta o coro.
— Menos de quinhentos, responde a multidão.
— E hoje?
— Cem mil!
— E amanhã?
— Milhões... Milhões!...

E uma frenética aclamação sobe de todos os recantos da arena à voz deste grito que já não é uma afirmação utópica, mas todo um programa em realização.

«Amanhã nós seremos aos milhões».
As últimas aclamações ainda não acabaram e já os altos-falantes fazem ouvir a voz potente e arrastadora do Cónego Cardyn.

Fêz-se um profundo silêncio.
O fundador da J. O. C. vai resumir em algumas palavras o verdadeiro significado desta jornada internacional.

Continua na 4.ª página

Continuação da 1.ª coluna

cerem, tenham nascido seja em que nação fôr.

A todas as ameaças de luta ou de guerra a J. O. C. oporá uma vontade inabalável da verdadeira paz, da única paz, da paz de Jesus Cristo!

Jocistas:

Mando-vos para as vossas famílias, para as vossas casas, para as vossas fábricas, para os vossos locais de trabalho, para as vossas organizações, para os vossos países, com a única palavra de ordem:

Conquista!
Conquista de vós mesmos;
Conquista dos vossos camaradas;
Conquista dos meios ambientes do trabalho;
Conquista das vossas famílias de hoje e de amanhã;
Jocistas, sede a glória de Cristo!
Jocistas, sede a honra do vosso País!
Jocistas, sede a esperança do vosso tempo!
Avante!

Cónego Cardyn

O Côro falado

Continuação da 1.ª coluna

Uma voz dos Jcistas

Forgueiros que vos obstinais diante de fornalhas vermelhas.

Uma voz dos Jcistas

Pedreiros que construis.

Uma voz dos Jcistas

Carpinteiros com vossas serras cortantes,

Uma voz dos Jcistas

Guarda-livros, dactilógrafas, nos vossos escritórios insalubres.

Uma voz dos Jcistas

Tecelões que trabalhais ao matraquear dos teares.

Primeiro Jcista

Operários das milhares de fábricas, operários de todas as profissões, saúda-vos!

A multidão

A Juventude Operária Cristã

Assinatura de "O TRABALHADOR,"

Para operários (pagamento adiantado)

1 ano 6\$00

1 semestre 3\$00

A este preço acrescem as despesas de cobrança pelo correio, quando a assinatura não fôr paga directamente na nossa Administração, ou por carta registada ou vale do correio.

Para outras pessoas (pagamento adiantado)

1 ano 10\$00

1 semestre 5\$00

Acrescem a este preço, as despesas de cobrança.



— Ele é tão fraco de saúde que, há dias, só por passar no Ministério da Marinha, enfiou!...

- O operário cristão é, como Cristo, um operário perfeito: respeita todos os homens.

O que foi o majestoso Congresso

(Continuação da 3.^a página)

«O Coro falado a que acabais de assistir não é nem uma declamação, nem uma comédia, nem um aparato, mas sim a confissão pública e colectiva da fé jocista, do ideal jocista. É a expressão sincera da revolução espiritual e moral que a J. O. C. realiza, dia e noite, duma maneira humilde e escondida em milhares de almas, de lares e de fábricas e que está transformando, sem que o mundo pareça dar por ela, a máscara da juventude e da classe operária.

Não! A. J. O. C. não se deve procurar nos cortejos, nos congressos, nas manifestações ruidosas. A J. O. C. vive e trabalha no esforço continuado de milhares de jovens operários que, sem descanso, com tôdas as energias da sua inteligência e da sua vontade estão decididos a fazer regressar todos os seus camaradas de trabalho e todo o mundo trabalhador às suas origens e ao seu destino celeste.

Nem escravos, nem animais de carga, nem máquinas! mas filhos, colaboradores, herdeiros de Deus!

E para isto, um trabalho, um local de trabalho, uma organização do trabalho.

E para isto, uma vida moral, uma vida de sentimento, uma preparação para o futuro.

E para isto, uma organização profissional, uma organização social, uma organização nacional e internacional.

Que sejam dignos desta origem divina, desta dignidade divina, deste destino divino.

Não mais jovens trabalhadores para as riquezas materiais, para os imperialismos, para os nacionalismos materialistas.

Mas a riqueza, mas o trabalho, mas a organização económica para o destino, mas toda a civilização para o destino temporal e eterno de todos os jovens operários e de todos os homens do mundo inteiro.

Tal é a revolução que opera a J. O. C. Tal é a mística que ela propaga. Tal é a alma que a anima!

O mundo só será salvo por uma juventude capaz duma tal revolução».

Pela última vez o canto jocista enche o Stadio. O Congresso de Bruxelas tinha terminado. Tinha terminado, para começar uma actividade mundial igualmente brilhante, igualmente conquistadora.

Quando raiará em Portugal uma Juventude semelhante àquela?

Quando vós quizerdes, operários portugueses?

Espalhai o «Trabalhador» para que êle possa ir preparando o grande dia em que também entre nós surja uma mocidade igual.